

A presença da fotografia mortuária no Sertão baiano

The presence of mortuary photography in the Bahian hinterland

Autor: Graziela Gomes Santana¹

Resumo: Como testemunha ocular do passado e com a propensão à imortalidade, a fotografia possibilita registrar uma espécie de biografia de pessoas comuns, de todas as fases e em diversos momentos da vida. Ela possui a função de documento valioso, com teor de afetividade. Entre os diversos tipos de fotografias, destacam-se os retratos de defuntos produzidos no momento do velório ou do sepultamento. Este trabalho pretende discutir a presença, a produção e o consumo das fotografias mortuárias como objetos de memória produzidas no século XX e presentes nos sertões da Bahia, especificamente na microrregião de Jacobina e a cidade de Senhor do Bonfim. A proposta consiste em um estudo serial a partir do mapeamento e da análise de fotografias *post-mortem*, destacando padrões e variações das representações do morto e suas relações com o contexto social de produção desses artefatos iconográficos.

Palavras-chave: *Fotografia post-mortem. Memória. Sertão baiano.*

Abstract: As an eyewitness to the past and with a penchant for immortality, photography makes it possible to record a kind of biography of ordinary people, from all stages and at different moments of life. It has the function of a valuable document, with a content of affectivity. Among the various types of photographs, portraits of the deceased produced at the time of the wake or burial stand out. This paper aims to discuss the presence, production and consumption of mortuary photographs as objects produced in the twentieth century and present in the hinterlands of Bahia, specifically in the micro-region of Jacobina and the city of Senhor do Bonfim. The proposal consists of a serial study based on the mapping and analysis of post-mortem photographs, highlighting patterns and variations in the representations of the deceased and their relations with the social context of production of these iconographic artifacts.

Keywords: *Post-mortem photograph. Memory. Bahian hinterland.*

¹ [graziela.gomes@gmail.com] Graziela Gomes Santana é Historiadora, especialista e mestranda (PPGDCI – UEFS, Feira de Santana – BA), e professora Substituta de Artes (IFBA, Feira de Santana, BA).

INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga as fotografias mortuárias como objetos de memória produzidas no século XX nos sertões da Bahia, utilizando como espaço de investigação a microrregião de Jacobina² e a cidade de Senhor do Bonfim. O território que hoje corresponde ao município de Jacobina foi povoado por populações não indígenas ainda no período colonial, com a criação de vilas nos sertões entre os séculos de XVIII e XIX. Essas vilas tinham sua economia baseada na extração de minério e na pecuária. Assim, em 5 de agosto de 1720, por meio de decreto real, foi criada a Vila de Jacobina, a primeira da capitania da Baía de Todos-os-Santos a ser implantada nessa região. Em 1742, foi criada em Jacobina a comarca, a primeira comarca dos sertões. Desse modo, produziu-se considerável desenvolvimento social e cultural na região com o trânsito de pessoas e mercadorias.

No ano de 1912, começou a ser a construída a linha do “Trem da Grota”, que ligava a Estrada de Ferro do São Francisco à Estrada de Ferro Central da Bahia. A linha férrea seguia de Senhor do Bonfim até Iaçú e cortava as cidades de Mundo Novo, Piritiba, Miguel Calmon, Campo Formoso e Senhor do Bonfim, onde foram encontradas fotografias mortuárias utilizadas nesta pesquisa. A rota não incluía a cidade de Morro do Chapéu, mas esta mantinha relações comunicativas com Jacobina através de outros meios de transporte terrestre, a exemplo de animais e carroças.

O tema desta pesquisa surgiu a partir de uma curiosidade pessoal em relação à produção e ao consumo dos retratos de mortos em um acervo particular. Apesar desse interesse inicialmente individual, passei a enxergar a temática a partir de uma perspectiva social mais ampla, como uma possibilidade de compreender a representação da morte a partir da sublimação simbólica do luto coletivo e individual no imaginário sertanejo.

² A denominação “microrregião”, tal como conhecemos hoje, é resultado de uma divisão geográfica realizada na década de 1990 pelo IBGE (CONTEL, 2014). Logo, para boa parte do recorte temporal dessa pesquisa, a expressão não tem um sentido histórico preciso. Apesar disso, optei por usar a nomenclatura mais recente devido à dificuldade de encontrar uma designação histórico-geográfica capaz de identificar a região em diferentes momentos do século XX. Além disso, por ser uma expressão conhecida atualmente, é possível fornecer mais clareza aos leitores sobre o recorte espacial da pesquisa.

A definição do título do artigo tem por base o plano da pesquisa, que constituiu um processo investigativo sobre a presença dessas fotografias no sertão baiano e de como essa prática europeia foi reproduzida na região. Decorre também do fato de o retrato mortuário ser uma última lembrança do morto junto aos seus e do seu poder “sobrenatural” que conjura recordação da perda e do luto.

Para a construção deste trabalho, foram analisadas fotografias já coletadas e catalogadas no Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade (NECC) da Universidade do Estado da Bahia Campus IV, mas também em acervo pessoal, a partir de pesquisa de campo. Os retratos encontrados foram coletados na microrregião de Jacobina, especificamente nas cidades de Jacobina, Piritiba, Miguel Calmon, e Morro de Chapéu, e na cidade de Senhor do Bonfim. Esta última, apesar de não fazer parte do que hoje se denomina a microrregião de Jacobina, foi incluída na pesquisa pelo fato de manter intensas relações comerciais e trânsito de pessoas com os outros municípios da região, principalmente em decorrência da linha férrea.

O recorte temporal aqui estabelecido está relacionado com o fato de que as fotografias *post-mortem* encontradas são de diferentes décadas do século XX. As fotografias coletadas foram analisadas de acordo com o contexto em que foram produzidas, identificando os aspectos externos, como local, suporte, data, tipo, tamanho e se é produção profissional ou amadora. Além disso, as imagens foram interpretadas como construção da memória por meio de marcas simbólicas e formais do passado.

A FOTOGRAFIA MORTUÁRIA NO SERTÃO BAIANO

A fotografia *post-mortem* era e continua sendo utilizada como uma forma de registrar o último momento do defunto junto aos seus. Para as famílias, esse tipo de fotografia representa uma maneira de “amenizar” o luto e guardar uma última recordação do falecido. Para o desenvolvimento desse trabalho, utilizou-se como referência de análise as fotografias mortuárias de três tipos: o último sono, o morto como vivo e a fotografia do morto como morto, conforme divisão proposta por Ruby (2001). Segundo esse autor, o tipo “morto como vivo” representava como se o morto estivesse vivo; no tipo “último sono”, o corpo fotografado parecia estar apenas adormecido; e no tipo “morto

como morto”, o falecido era fotografado dentro do caixão, no cenário natural de velório, com ou sem pessoas ao redor. Para Jay Ruby (2001, p. 95):

Três estilos de fotografias relacionados à morte emergiram durante o século XIX. Dois deles projetados para “negar a morte”, isto é, para insinuar que os defuntos não morreram totalmente, e o terceiro que buscava revelar uma tentativa de retratar os mortos como um objeto de dor circundado por entes queridos enlutados.

Sobre o tipo de fotografia mortuária “último sono”, Ruby (2001, p. 96) afirma que:

Uma convenção do retrato mortuário intitulado “Último Sono” dominou o período inicial. Parece haver pouca dúvida de que os fotógrafos pretenderam produzir retratos de pessoas “adormecidas” e não mortas. Muitas fotografias examinadas para este estudo foram produzidas, antes de 1880, concentradas nas características faciais dos mortos ou como corpos que descansam em algum mobiliário doméstico, frequentemente um sofá, e cobertos geralmente por uma colcha ou um lençol. Quando o cenário pode ser visto, este parece ser o quarto do morto ou a sala de estar de uma residência. As flores, um livro, ou um artigo religioso, tal como uma cruz, que eram colocados às vezes nas mãos ou sobre o peito do falecido.

Ainda sobre o estilo de fotografia mortuária “último sono”, o autor considera:

A pose “Último Sono” é um exemplo de um ajuste fechado entre a tecnologia e a ideologia. Se o sentimento popular devia considerar como o último sono, certamente não queria ter um retrato pós-morte feito em um caixão – um signo específico da morte. Além disso, os caixões eram geralmente feitos de madeira serrada, áspero, não polido e sem alinhamento – o que não era exatamente o cenário mais agradável para o retrato de mortos queridos. (RUBY, 2001, p. 99)

Outro estilo de fotografia analisado pelo autor é intitulado o “vivo, embora morto”. Segundo ele,

Uma variação da pose de “Último Sono” representa uma tentativa de esconder realmente a morte. Na procura de uma melhor etiqueta, estas imagens poderiam ser intituladas “Vivo, embora morto”. O corpo era colocado algumas vezes na posição vertical – frequentemente em uma cadeira. Os olhos às vezes estão abertos, ou mesmo pintados. (RUBY, 2001, p. 98-99)

Assim:

A ilusão que o fotógrafo estava tentando criar não era de uma pessoa em descanso, mas de uma pessoa viva. A necessidade de criar fantasias

era tão forte que às vezes o fotógrafo tirava o retrato de uma pessoa em estado de prostração e, girando a fotografia em torno de noventa graus, conseguia obter o efeito de a mesma parecer se encontrar de pé. (RUBY, 2001, p. 99-100)

No conjunto de retratos fúnebres coletados, sempre que possível, foram analisados os diversos aspectos dos artefatos iconográficos, como o fotógrafo, o cliente, a pessoa fotografada, além do tipo, tamanho e qualidade da foto. Além disso, também foram investigadas as diferenças e semelhanças das composições fotográficas, destacando o cenário, o enquadramento, o semblante e a vestimenta do morto, o tipo de féretro, as ornamentações e demais objetos e pessoas presentes no segundo plano das imagens. Todos esses aspectos são importantes indicadores da posição social e econômica dos sujeitos que produziam e consumiam a fotografia *post-mortem*, assim como das razões que motivaram a sua utilização por diferentes grupos sociais.

Conclusões

A partir de uma série de imagens fotográficas do tipo mortuária, foi possível verificar a importância da fotografia como documento que registra o convívio social. Apesar de a prática do retrato mortuário, atualmente, ser considerada um tanto obsoleta, com essa pesquisa, observei como a sua produção e o seu consumo estiveram bastante vivos no século passado. Mas, mesmo no século atual, foi possível identificar alguns registros desse tipo, por meio do mapeamento de fotografias com data de produção entre os anos de 2002 e 2013, que, no entanto, não foram incluídas nessa análise.

O uso menos frequente da fotografia mortuária, nas últimas duas décadas, pode ser uma consequência do fato de que realizar um registro fotográfico se tornou bem mais fácil e acessível à população em geral. Logo, é possível produzir, guardar, reproduzir e distribuir inúmeros “cliques” da pessoa em vida, não sendo mais tão essencial aguardar o último instante para salvar do esquecimento aquele que se foi. Lembremos que, para pessoas mais pobres, principalmente nas primeiras décadas do século passado, o retrato do corpo morto poderia ser uma das únicas representações fotográficas do ente querido.

Em geral, para as famílias, a fotografia mortuária representava uma maneira de “amenizar” o luto e de guardar uma última recordação do falecido. É um tipo de artefato imagético que envolve um sentimento de perda.

Referências

REFERÊNCIAS

KOURY, Mauro. (2002). *Uma fotografia desbotada*. Atitudes e rituais do

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. Fotografia mortuária na Bahia: uma abordagem sobre suas práticas nos sertões. In: *Revista FSA* (FACULDADE SANTO AGOSTINHO), v. 12, n. 5, Piauí, set./out. 2015.

RIEDL, Titus. *Últimas lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro*. São Paulo: Annablume, 2002.

RUBY, Jay. Retratando os mortos. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). *Imagem e memória: ensaios em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.